

COLÓQUIO A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE ORIGEM PORTUGUESA NA CARTOGRAFIA URBANA HISTÓRICA

Rio de Janeiro, Outubro/ Novembro 2001

Teresa Madeira da Silva

ISCTE - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

CEUA - Centro de Estudos de Urbanismo e Arquitectura

A CARTOGRAFIA COMO SUPORTE PARA O ESTUDO DA EVOLUÇÃO DO TRAÇADO URBANO DA CIDADE DE SÃO TOMÉ

Resumo: Esta comunicação pretende mostrar a metodologia utilizada na construção de plantas relativas à evolução do traçado urbano da cidade de São Tomé no arquipélago de São Tomé e Príncipe, desde as primeiras ocupações (século XV), até meados do século XVII.

Com base em cartografia existente, iconografia e textos relativos à cidade de São Tomé foram construídas plantas de várias épocas históricas, do Traçado Urbano da Cidade de São Tomé, nomeadamente: na actualidade, no início do século XX, no final do século XIX, no final do século XVIII, na primeira metade do século XVII, no final do século XVI e no final do século XV e início do século XVI. Dado que a cartografia por si só não constituiu elemento suficiente para a compreensão do traçado urbano da cidade desde o século XV (a planta mais antiga encontrada da cidade data de meados do século XVII – 1646), neste estudo, as referências à bibliografias e iconográficas, constituem elementos importantes de apoio à cartografia. Não me vou referir a elas em particular, no entanto, não gostaria de deixar de referir que elas constituíram um elemento fundamental e complementar para o uso da cartografia.

1. Metodologia adoptada com base na cartografia.

Para a elaboração dos diferentes traçados urbanos da cidade de São Tomé com base na cartografia existente, o primeiro passo foi, naturalmente a pesquisa e a recolha de toda a cartografia existente da cidade, para em seguida, escolher a planta que vai servir de **referencial** para a elaboração dos esquemas dos diferentes traçados.

A escolha da planta de referência fez-se a partir da observação de todas as plantas possíveis, dos dados bibliográficos e iconográficos de que dispomos e do conhecimento directo da cidade.

É muito comum em determinadas épocas históricas encontrarem-se plantas ou desenhos fantasiosamente desenhadas de diferentes cidades, ou cujas o registo cartográfico não contém o rigor que actualmente se pratica, neste sentido muitas dúvidas se levantam quanto à elaboração dos traçados, uma vez que estes pretendem uma reconstituição com o maior rigor possível. Por outro lado, dado que o desenho do traçado urbano é o registo de uma forma precisa e objectiva (não pode ser mais ou menos), é um registo concreto no papel, as dúvidas e a inexistência de informação e rigor tornam este trabalho por vezes difícil de concretizar.

A planta de referência, normalmente é uma planta recente, em primeiro lugar, porque contém um maior número de informação sobre o edificado construído, em segundo lugar porque podemos compreendê-la melhor uma vez que a podemos testar no terreno, (compará-la com a realidade construída), e em terceiro lugar porque são plantas com um grau de rigor bastante significativo e com formas de representação semelhantes às que actualmente se praticam.

A nível da metodologia de trabalho depois da escolha da planta de referência, o passo seguinte será desenhá-la, com um grafismo próprio. Ao desenhar a planta de referência a escolha do grafismo a utilizar é fundamental. Neste sentido será necessário adequá-lo ao estudo que se pretende realizar. A escolha da escala gráfica, das cores a utilizar para cada uma das

representações (ruas, caminhos, edifícios significativos, etc.), a espessura dos traços de representação, a orientação relativamente aos pontos cardeais, são factores a ter em conta.

No caso em estudo, a cidade de São Tomé, a planta mais adequada como planta de referência, é a planta de 1957, à escala 1/1000.¹ Dado que, para cobrir a totalidade da cidade, à escala 1/1000 o desenho seria muito extenso (vários desenhos em formato A1), foram feitas reduções e montagens da planta por forma a obter um desenho mais pequeno. Uma vez que esta é relativamente recente podemos encontrar nela representada a localização de grande parte dos edifícios construídos ao longo de várias épocas históricas e que ainda se encontram na cidade actual.

Com data posterior a esta, outras plantas foram encontradas é o caso de uma planta de carácter turístico. Se por um lado, é mais actual (e por isso mais conveniente), por outro contém informação de forma muito esquemática, pouca rigorosa e por isso não seria útil como planta de referência.

Muitas vezes o que nos faz compreender qual o rigor de cada planta é tentar perceber para que fim ela foi realizada. Neste caso a planta turística em referencia tem como objectivo localizar de uma forma esquemática e estilizada alguns edifícios de interesse para um visitante (turista), sem rigor no que respeita às suas formas e localização precisas. Com data anterior a esta, vamos encontrar outras plantas, onde a cidade se encontra representada de uma forma bastante esquemática. Se atentarmos para que fins foram realizadas essas plantas podemos perceber a razão para que tal aconteça. A título de exemplo a planta do "Porto Comercial de São Tomé - 1916-1917"², tem como principal objectivo representar um "esboço hidrográfico" e uma "ideia geral do porto comercial", (como indicado na legenda da planta), e não a cidade. Por esse facto facilmente se compreende o grau de rigor da

¹ - "Planta estereofotogramétrica da cidade de S. Tomé. Câmara Municipal de São Tomé, 1957". Escala do original 1:1 000".

² - "O Porto Comercial de São Tomé - Ideia Geral do Plano do Porto Comercial. Escala 1/25 000. Esboço de parte do Estudo Hidrográfico feito pela Missão Hidrográfica em 1916 - 1917." Origem Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas.

representação do porto e a informação esquemática que nos é dada a nível do tecido urbano da cidade propriamente dita.

Voltando mais uma vez à planta que serviu de referencial e com base nesta planta foi feito um reconhecimento do local à mão levantada, foi verificada a localização dos edifícios, caminhos, ruas, praças, etc., no terreno. Procurou-se nesta fase do trabalho a maior compreensão possível do existente.

Uma vez que o objectivo deste trabalho, se refere ao estudo da forma da cidade e a sua representação, foram observadas e identificadas as ruas as praças, os edifícios significativos (Fortes, Fortalezas, Igrejas, Palácios, Edifício da Alfândega, Câmara, Mercado, etc.), a forma dos quarteirões, as linhas de água, o mar, etc. A razão pela qual foram identificados e representados os edifícios significativos com algum enfoque é, por se verificar que em muitas cidades, são eles que condicionam o tecido urbano. Para além disso, como são edifícios representativos, e por isso com alguma importância, são os que mais resistem às transformações das cidades ao longo dos diferentes períodos históricos.

Depois de se desenhar a planta actual com um grafismo adequado, foram desenhadas várias plantas de épocas anteriores: com base numa outra planta, de 1916³, foi desenhado o traçado a cidade no início do século XX. Foram feitos vários esquemas gráficos para representar a cidade nesta época até se chegar a um traçado definitivo.

Com base noutra planta, a planta de 1889⁴, elaborou-se o Traçado Urbano da Cidade de São Tomé no final do século XIX. Neste caso as incertezas quanto à elaboração do traçado foram algumas, uma vez que no desenho da planta se encontravam algumas distorções, em relação à forma de representação, no que se refere às dimensões das vias e à localização de alguns edifícios. Esses

³ - "Cidade de São Tomé (1916), escala 1/5 000. Redução feita no Grupo de Trabalho da Cartografia e Cadastro de São Tomé e Príncipe em Abril de 1965, da antiga planta..." Origem S. C. O. T. R. D. S. P.

⁴ - "Cidade de S. Thomé / (ilha de S. Thomé) / 1889." Escala do original 1: 5000. Arquivo Histórico Ultramarino, Cartografia Impressa nº 239.

aspectos agrava-se à medida que recuamos no tempo, uma vez que a forma de representação se altera e se diferencia da actual.

A importância desta planta, neste estudo, para além de nos fornecer dados relativos à localização de edifícios importantes, (igrejas, Sé, fortaleza, alfândega, cadeia, etc.) fornece-nos igualmente dados importantes relativos à toponímia. Nesta planta estão registados, em legenda, o nome das ruas com designações anteriores aos que até então teríamos encontrado. Neste caso em particular, a utilidade desta planta deveu-se ao facto de a partir dela ser possível passar para um esquema gráfico (uma planta), elementos bibliográficos, como por exemplo um documento escrito em 1615: a “*Descrição da cidade de S. Tomé (8-2-1615)*” onde se encontra a “designação das Ruas da cidade de S. Tomé, especificando o comprimento de cada uma em braças.”⁵.

2. As Três Fases de Desenvolvimento da Cidade.

Depois de serem representados os elementos urbanos significativos em períodos relativamente actuais, procedeu-se à construção dos outros traçados. A execução dos traçados foi realizada por ordem cronológica desde a actualidade até ao século XV. No entanto o que aqui vou expor são as três fases distintas estabelecidas, desde a chegada dos primeiros povoadores até meados do século XVIII.

- A Primeira Fase de Desenvolvimento Urbano inicia-se com a chegada dos primeiros povoadores quando a ilha é doada a João Paiva em 1485 e termina em meados do século XVI. Em termos urbanos esta fase inicia-se com a escolha da localização e termina com a consolidação de uma estrutura urbana inicial.

⁵ - António Brásio, *M. M. A., África Ocidental (1611-1621)*, Vol. VI, A.G.U., Lisboa, MCMLV, Doc. 61, p. 190. Para além de publicado na Monumenta Missionária Africana, este documento, em manuscrito original, encontra-se na Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda arquivado com a referência de “Treslado da despesa que S. Magestade faz n’ esta Ilha de S. Thomé com os Ministros Eclesiásticos” e com data de 5 de Janeiro de 1607.

- **A Segunda Fase de Desenvolvimento Urbano** inicia-se em meados do século XVI e termina no final desse mesmo século correspondendo a um desenvolvimento económico e populacional da ilha e a um crescimento da cidade resultante da produção açucareira e do comércio de escravos vindo da costa africana. Em termos urbanos esta fase de desenvolvimento corresponde a um tipo de estrutura mais desenvolvido que o anterior e reflecte a prática que se processava quer no continente quer nas ilhas atlânticas descobertas e ocupadas em períodos anteriores.

- **A Terceira Fase de Desenvolvimento Urbano** centra-se na primeira metade do século XVII. Neste período de tempo verifica-se novamente uma expansão da cidade mas com um sentido e um tipo de concepção diferentes do anterior, como teremos ocasião de verificar.

1ª Fase de Desenvolvimento.

Para a primeira fase de desenvolvimento da cidade de São Tomé, a observação da cartografia de Valentim Fernandes do início do século XVI (1506-1510), os dados bibliográficos e uma planta de 1646 são fundamentais.

Através das imagens do Manuscrito de Valentim Fernandes, podemos localizar a cidade: - "a pouçam", indicado na legenda, o número de habitações da ilha por essa altura e a localização de alguns elementos urbanos existentes na povoação, nomeadamente: a torre do capitão, a ribeira, o Mosteiro de S. Francisco e a igreja de Santa Maria. A planta de 1646, por outro lado fornece-nos informações importantes, embora datada de 1646, ela dá-nos pistas mais precisas quanto à existência e localização de grande parte dos edifícios existentes neste período.

Através destes elementos podemos traçar as linhas caracterizadoras do aglomerado urbano que se implantou junto à baía de Ana Chaves com Álvaro de Caminha (primeiro capitão da ilha), no final do século XV e início do século XVI.

Para além de integrar um conjunto de cerca de duzentos fogos, nela existiam alguns edifícios significativos e era servida por uma ribeira e um importante porto. Das primeiras construções existentes no início do século XVI destacam-se: a torre do capitão, as igrejas de Santa Maria e de S. Francisco (incluída no mosteiro com o mesmo nome), a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça, a Igreja da Conceição e a Igreja e Hospital da Misericórdia. Estes edifícios e os espaços urbanos confinantes, o porto, as casas dos primeiros habitantes os armazéns para guardar o açúcar e as ruas, constituíam os elementos fundamentais da origem da cidade de São Tomé.

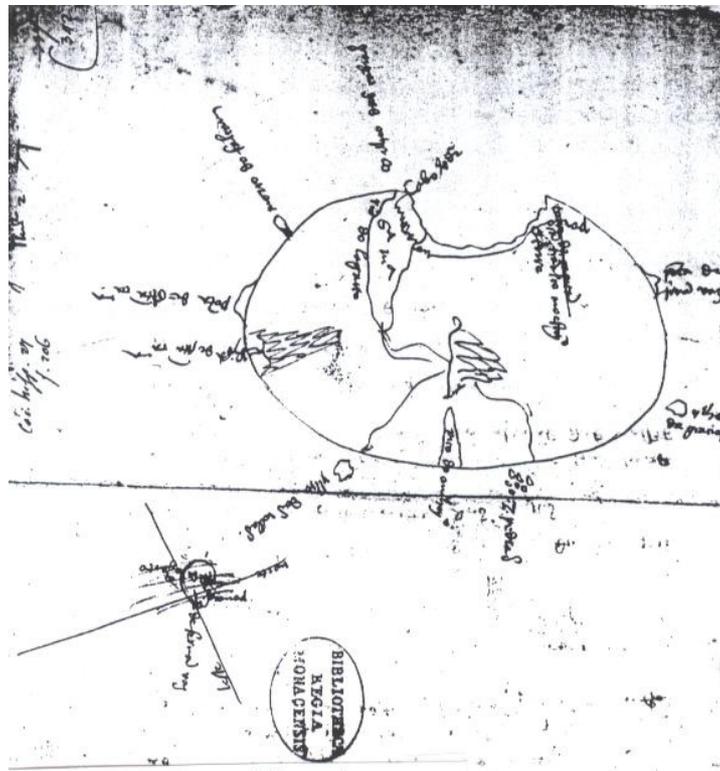


Fig. 1 - Ilha de S. Tomé.

In Códice Valentim Fernandes, Leitura Paleográfica, Notas e Índice de José Pereira da Costa, Academia Portuguesa de História, Lisboa, MCMXCVII.

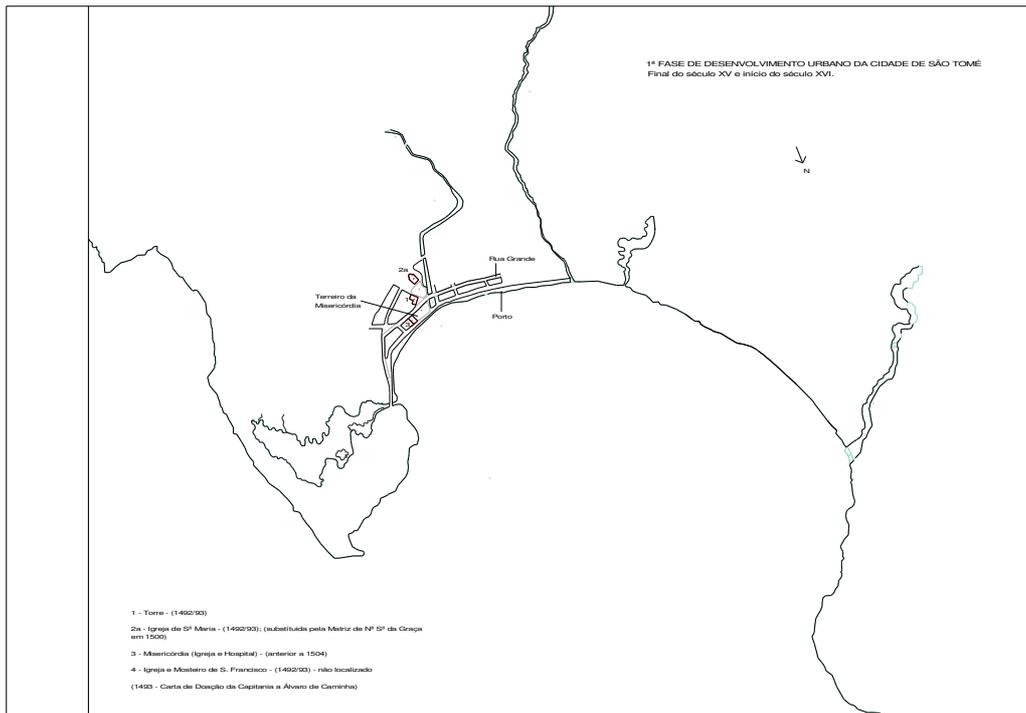


Fig. 2 - 1ª Fase de Desenvolvimento Urbano da Cidade de São Tomé. (Final do Século XV e Início do Século XVI).

A torre do capitão, construída por Álvaro de Caminha por volta de 1492/1493 era um ponto de defesa da cidade e simultaneamente a habitação do capitão, foi provavelmente um dos primeiros edifícios a ser construídos. Situando-se junto à ribeira, na parte poente do núcleo central da actual cidade de São Tomé (no local onde hoje se situa o palácio governamental), juntamente com algumas casas que lhe estavam próximo e onde moravam alguns dos primeiros habitantes da ilha, constituiu o primeiro conjunto edificado da então Povoação.

Para além do conjunto edificado constituído pela torre e pelas duas igrejas próximas da ribeira, entre o edifício da torre e a igreja matriz, situava-se mais para norte e por conseguinte mais perto da praia, a Igreja e o Hospital da Misericórdia. Este Hospital e a sua Igreja situavam-se, não longe da Sé e da Torre, no local onde actualmente se encontra o Tribunal. Paralela ao mar e separando o quarteirão da Misericórdia do quarteirão dos edifícios confinantes com a torre, nasce uma pequena rua que acompanhando o terreno se desenvolve junto à costa. Esta liga o núcleo da Sé e da Misericórdia ao porto e

constituiu o que posteriormente se designou por Rua Grande⁶ ou Rua Direita⁷. Nomes que vêm indicados na planta de João Rozendo Tavares Leote, de 1788-1796 e no documento escrito acerca da descrição da cidade de São Tomé de 1615, anteriormente referido.

2ª Fase de Desenvolvimento (segunda metade do século XVI).

Para a 2ª fase de desenvolvimento da cidade de São Tomé - Segunda metade do século XVI, a planta de 1646⁸, foi um elemento fundamental para a construção do traçado.

A partir desta planta podemos apreender um conjunto de informações de grande utilidade e construir aquilo a que designamos a 2ª fase de desenvolvimento da cidade de São Tomé. Como podemos ver, nela estão representadas a Sé, algumas igrejas, as vias mais importantes, os quarteirões, as fortalezas e os fortes, etc. Dado tratar-se de uma planta com fins militares (foi realizada a quando da ocupação dos holandeses às ilhas de São Tomé), ela contém informações rigorosas no que diz respeito ao traçado da cidade. Se atentarmos no quadro explicativo em anexo e existente no Arquivo Histórico Ultramarino, podemos apercebermo-nos desse rigor. Nele são descritas as posições dos fortes, das fortalezas, dos baluartes, das trincheiras, e até das pontes, dos terreiros, etc.

Neste sentido e com base na planta de 1646, foi construído o traçado desta fase de desenvolvimento. Na Segunda Fase de Desenvolvimento Urbano - (segunda metade do século XVI), a cidade cresce como se pode verificar, para uma outra zona localizada do outro lado da ribeira, e por conseguinte para poente. A esta zona da cidade, marcadamente de carácter mercantil, está

⁶ - [Plano da Baía de Ana Chaves, compreendendo a Planta da cidade de S. Tomé e a perspectiva e planta da Fortaleza de S. Sebastião / 1788-1796] Petipé de palmas para medir a fortaleza 350 [por] João Rozendo Tavares Leote. 440x670mm; MS; Color; Av, in A.H.U., c.m., nº176.

⁷ - António Brásio, "Descrição da cidade de S. Tomé (8-2-1615)" in Monumenta Missionária Africana, vol. VI, doc. 61, Lisboa, MCMLV, p.190.

⁸ - "[Planta da Baía de Ana Chaves. Compreende a cidade, a Fortaleza de S. Sebastião e o Forte do Picão de Nª. Senhora da Graça] [1646 Dezembro 16]."Arquivo Histórico Ultramarino, Cartografia Manuscrita, nº 170, atribuída a José Martins.

A Cartografia como Suporte para o Estudo da Evolução do Traçado Urbano da Cidade de São Tomé
Teresa Madeira da Silva

ligado o porto e os edifícios cujas funções com ele estão associadas: a Alfândega e a Câmara Municipal.



Fig. 3 - Planta da Baía de Ana Chaves. Compreende a Cidade, a Fortaleza de S. Sebastião e o Forte do Picão de N.ª Senhora da Graça (1646 Dezembro 16). 427X312mm; MS; Color; Av, (pormenor), in A. H.U., c.m. doc. nº 170.

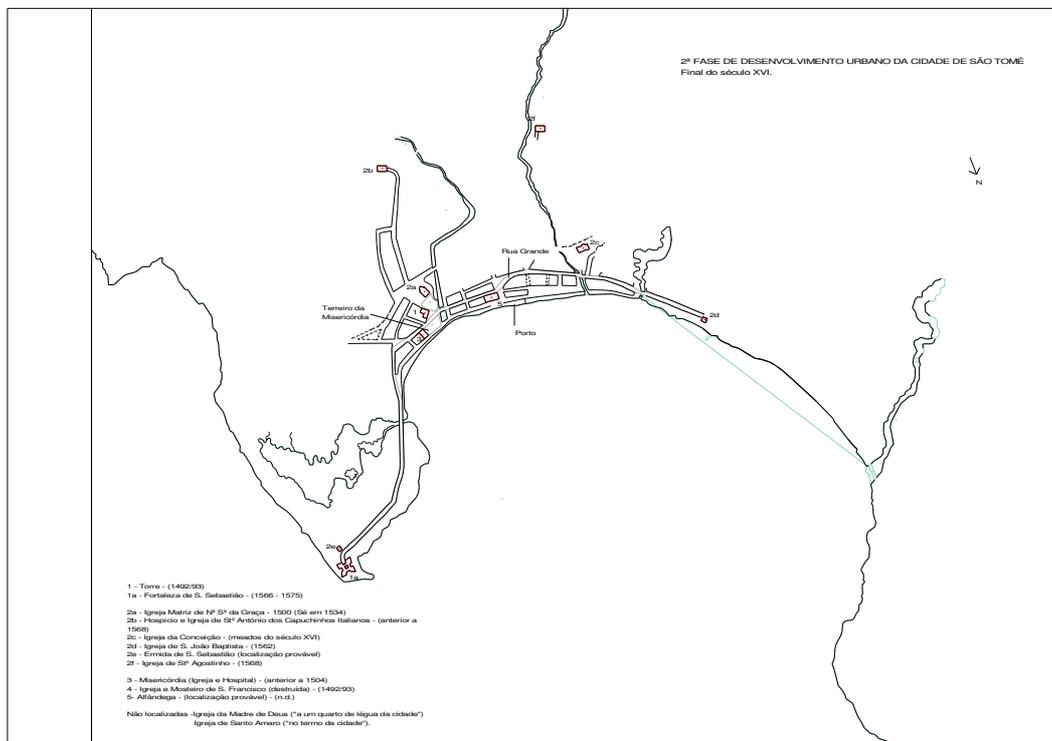


Fig. 4 - 2ª Fase de Desenvolvimento Urbano da Cidade de São Tomé. (Final do Século XVI).

Nesta Segunda Fase de Desenvolvimento Urbano à semelhança de muitas cidades portuguesas do continente, a rua (neste caso a Rua Direita)

desempenha também um papel fundamental na estruturação do traçado urbano, normalmente de carácter comercial, desempenha duas funções: por um lado, liga vários elementos urbanos institucionais: a Sé, a Misericórdia e a Alfândega. Por outro é o elemento gerador de novas ruas com ela relacionadas estruturando por conseguinte o tecido urbano.

Esta rua principal que se estende ao longo da costa no sentido longitudinal, estrutura uma malha urbana constituída por outras novas ruas que se cruzam com estas, mais ou menos na perpendicular. Cria-se assim uma estrutura regular de quarteirões alongados, essencialmente constituídos por edifícios que serviam de armazém para guardar “os açucars” e por edifícios pertencentes à alfândega. A malha urbana, anteriormente descrita, de ruas e travessas ainda hoje se pode adivinhar através do traçado existente, bem patente na planta de 1646, e no traçado actual.

Característico deste tipo de malha urbana, tal como se verificou para as outras cidades, é uma hierarquia de ruas de frente e de traseiras, cortadas por ruas transversais, as travessas. Para além disso os quarteirões são de forma alongada e de planimetria rectangular. Os lotes urbanos são paralelos uns aos outros e ocupam de um lado ao outro do quarteirão.

Para além da Alfândega e da Câmara Municipal de São Tomé, novos edifícios religiosos e uma fortaleza (a de S. Sebastião edificada em meados do século XVII - cerca de 1566) começam a pontuar a envolvente da cidade e a criar novos pólos de atracção sendo esta também uma forma de estruturação da cidade já verificada noutras cidades portuguesas.

Exemplos de edifícios religiosos são: a igreja de S. João Baptista no local da actual igreja de S. João a poente do núcleo central da cidade, a igreja da Madre de Deus, a igreja de Santo Amaro, a capela de S. Sebastião em frente à fortaleza de S. Sebastião e, o Real Hospício de St^o António dos Capuchinhos Italianos cuja localização não foi detectada, e finalmente um outro o da Ordem de Santo Agostinho.

Se observarmos novamente a planta de 1646, podemos nos aperceber da existência de várias igrejas fora do tecido consolidado até então, assim como a Fortaleza de S. Sebastião construída no extremo nascente da baía, constituem novos pólos dinamizadores de crescimento da cidade. Esta irá desenvolver-se em muitos casos, ao longo do caminho que leva a estes edifícios, como são exemplos claros o caso da Igreja de São João, a Fortaleza de S. Sebastião e a Igreja de St^o António dos Capuchinhos Italianos.

3^a Fase de Desenvolvimento (1^a metade do século XVII).

Para a terceira fase de desenvolvimento da cidade de São Tomé - primeira metade do século XVII, o traçado urbano da cidade foi realizado essencialmente com base nas plantas de João Tavares Leote ⁹ e de Gaspar Barleus ¹⁰.

Relativamente à primeira, embora contenha muita informação esta planta é de difícil leitura uma vez que as dimensões se encontram distorcidas em relação à planta de referência. Para tentar localizar a malha urbana desta planta de uma forma correcta foram feitos vários esquemas gráficos na tentativa de compreender este traçado relativamente aos períodos anteriores e posteriores. Será de referir que muitas vezes, damos conta que, apesar das transformações que muitas cidades atravessam, o traçado inicial permanece. Ao transpormos o traçado marcado nesta planta verificamos precisamente que ele ainda permanece em grande parte na actualidade.

⁹ - “[Plano da Baía de Ana Chaves, compreendendo a Planta da cidade de S. Tomé e a perspectiva e planta da Fortaleza de S. Sebastião / 1788-1796] Petipé de palmas para medir a fortaleza 350 [por] João Rozendo Tavares Leote”. Arquivo Histórico Ultramarino, cartografia Manuscrita, nº 176.

¹⁰ - “Mapa da Cidade de São Tomé, na ilha do mesmo nome, África, conquistada em Outubro de 1641, por uma esquadra holandesa partida do Recife, autor desconhecido”.

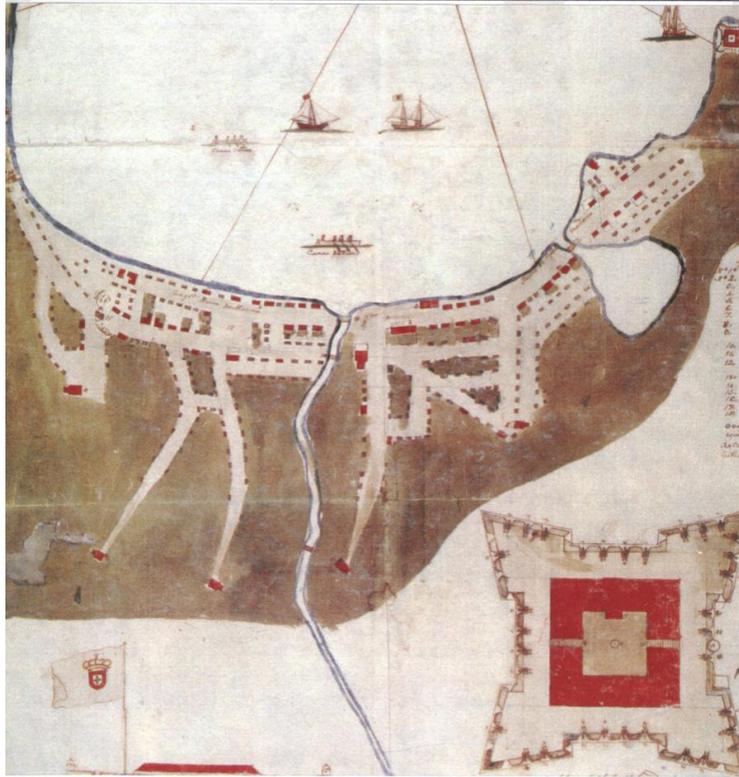


Fig. 5 - (Plano da Baía de Ana Chaves, compreendendo a Planta da Cidade de S. Tomé e a perspectiva e Planta da Fortaleza de S. Sebastião/ 1788-1796). Petipé de palmos a medir a Fortaleza 350 (por) João Rozendo Tavares Leote. A H. U., c.m., nº 176.

Relativamente à segunda, a planta de Gaspar Barleus datada de 1647, o contributo foi igualmente essencial. Ao contrário da planta anterior o grafismo aqui utilizado marca o traçado de uma forma mais homogénia, sem, no entanto, como no caso anterior, fazer distinção de espaços verdes, quintais, construções, etc. Se novamente tentarmos transpor estes traçados para a planta de referência, encontramos na malha urbana um conjunto de referências, facilmente identificáveis, que nos permitem traçar com alguma certeza uma nova planta.

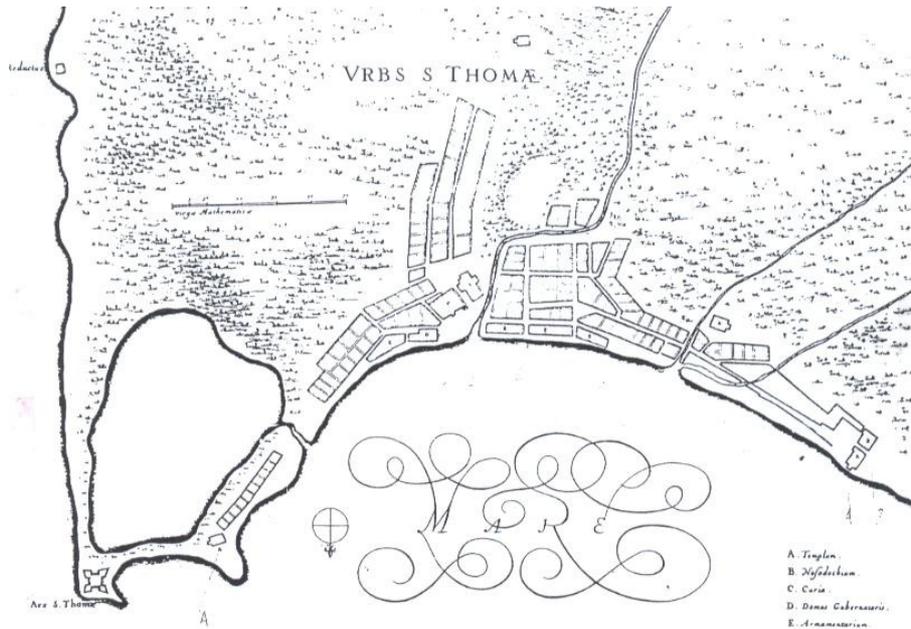


Fig. 6 - Mapa da Cidade de São Tomé, na Ilha do mesmo nome, África, conquistada em Outubro de 1641 por uma esquadra holandesa partida do Recife. Autor desconhecido. In Gaspar Barleus, História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil, Tradução de Claudio Brandão, Recife, 1980.

Através do estudo destas duas plantas podemos construir as linhas caracterizadoras da evolução do traçado urbano da cidade de São Tomé e aquilo a que chamaremos a terceira fase de desenvolvimento da cidade.

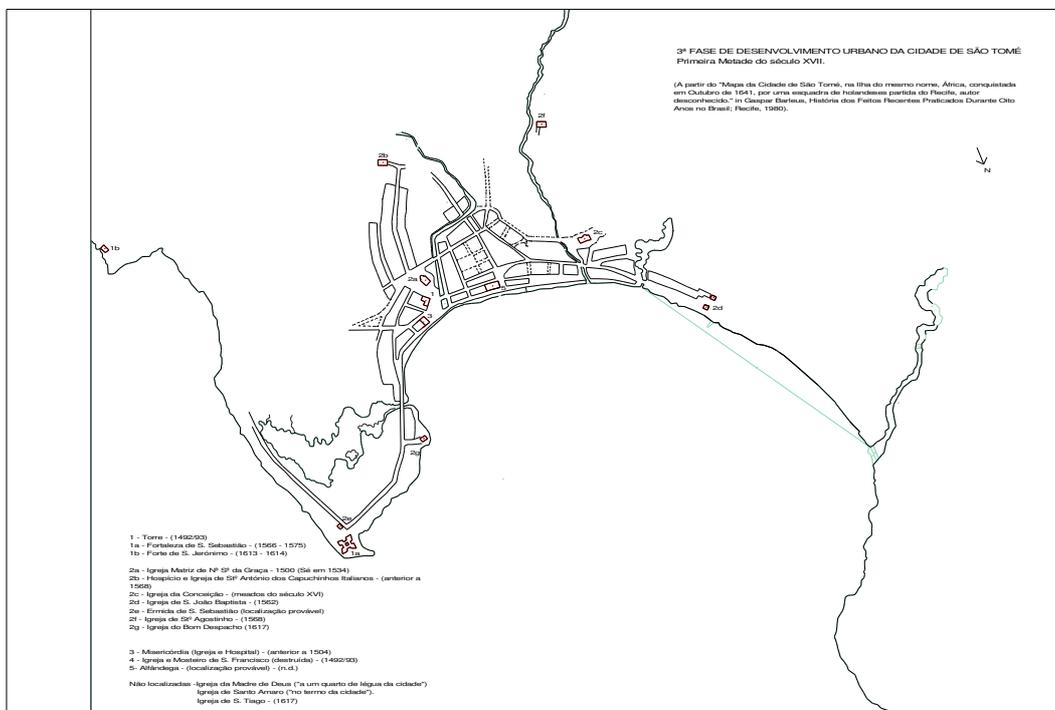


Fig. 7 - 3ª Fase de Desenvolvimento Urbano da Cidade de São Tomé. (Primeira Metade do Século XVII).

Do que nos é dado perceber pelos elementos cartográficos e bibliográficos deste período, e por comparação com as outras cidades portuguesas, esta fase é marcada por duas tendências em relação ao crescimento da cidade. A primeira tendência, é fruto das tipologias urbanas usadas no continente nos séculos XV e XVI (período renascentista) nomeadamente no que diz respeito a reformas e expansões de cidades portuguesas do continente, e origina uma expansão da cidade onde o traçado urbano é igualmente regular, como na fase anterior, mas agora com um sentido diferente e inovador. Este alargamento da cidade estende-se para a zona do actual centro da cidade.

A segunda tendência corresponde ao desenvolvimento da cidade mais para o interior na sequência da implantação das igrejas e edifícios de grande significado em pontos afastados do núcleo urbano central. Estas implantações permitiram a criação de vias que originaram o desenvolvimento posterior neste sentido.

Se observarmos a planta de Gaspar Barleus publicada (em primeira edição) em 1647¹¹ podemos verificar essa nova extensão da cidade marcada pela existência de uma malha urbana reticulada composta de ruas paralelas e perpendiculares onde as ruas em muitos casos formam ângulos quase rectos, dando origem a quarteirões de forma quase quadrada.

No que respeita à estrutura do quarteirão, pelo que podemos ver pela planta publicada por Barleus, verificam-se alterações em relação ao esquema anterior: a forma dos quarteirões passa a ser mais parecida com o quadrado ao contrário da estrutura anterior que se assemelhava a um rectângulo e ainda hoje se pode observar no traçado actual.

Relativamente à segunda tendência atrás referida, o desenvolvimento das ruas para o interior, também se verificou na cidade de São Tomé. Como noutros casos já referenciados, o núcleo urbano estende-se para o interior através da

11- "Mapa da Cidade de São Tomé, na ilha do mesmo nome, África, conquistada em Outubro de 1641, por uma esquadra holandesa partida do recife, autor desconhecido." In Gaspar Barleus, História dos Feitos Recentes Praticados Durante Oito Anos no Brazil; Recife, 1980.

implantação de igrejas ou pontos defensivos criando uma rede viária em estrela. Também a existência de uma ribeira que penetra para o interior acentua esta tendência uma vez que o aglomerado se desenvolve acompanhando-a para o interior. Através da observação das plantas existentes no Arquivo Histórico Ultramarino dos séculos XVII¹² e XVIII¹³ podemos bem verificar esta tendência.

No que respeita ao edificado podemos enumerar alguns edifícios construídos nesta altura. Quanto a edifícios religiosos, foi no início do século XVII que foi fundada a Igreja de S. Tiago. Também por esta altura, surgia a construção de mais uma igreja: a igreja de N. S^a do Rosário dos Homens Pretos, a capela de São Miguel Arcanjo e a capela de Nossa Senhora do Bom Despacho que foi fundada pouco depois de 1617.

Relativamente à construção de edifícios de carácter defensivo, este período foi marcado por uma nova construção, o Forte de São Jerónimo.

3. Conclusão.

Relativamente ao desenvolvimento urbano da cidade de São Tomé, verifica-se e existência de três fases distintas entre o século XV e o século XVII:

a primeira fase de desenvolvimento urbano inicia-se a partir de uma rua principal (a Rua Direita) que liga dois núcleos de desenvolvimento. Esta fase é caracterizada pelo crescimento do tipo linear (paralelo à costa) através do desenvolvimento da rua principal;

a segunda fase de desenvolvimento urbano é caracterizada pelo surgimento de um conjunto de ruas paralelas e perpendiculares à primeira (ruas secundárias e travessas), criando uma malha urbana de quarteirões alongados e uma hierarquia de ruas definida pela rua/travessa;

a terceira fase de desenvolvimento urbano caracteriza-se, por um lado, pela implantação de edifícios significativos (igrejas, conventos e fortalezas) fora do

¹² - (Planta da Baía de Ana Chaves, Compreende a cidade, a Fortaleza de S. Sebastião e o Forte do Picão de N^a Senhora da Graça), (1646 Dezembro 16), A. H.U. c. m. nº 170.

¹³ - “[Plano da Baía de Ana Chaves, compreendendo a Planta da cidade de S. Tomé e a perspectiva e planta da Fortaleza de S. Sebastião / 1788-1796] Petipé de palmos para medir a fortaleza 350 [por] João Rozendo Tavares Leote”. 440x670mm; MS; Color; Av. A. H. U., c.m., nº 176.

tecido urbano inicial e por outro, pelo desenvolvimento de malhas urbanas em retícula influenciadas pelo modo de fazer cidade no continente português onde a influência da teorização acerca da cidade ideal renascentista tem um papel importante.

5. Bibliografia.

- Academia Portuguesa de História;

Fontes para a História do Antigo Ultramar Português, Vol. II - São Tomé e Príncipe, Lisboa, MCMLXXXII.

- Albuquerque, Luís de;

(direcção de) A Ilha de São Tomé nos Séculos XV e XVI, Lisboa, 1989.

A Comissão de Cartografia e a Cartografia Antiga Portuguesa, Série Separata, 166, I.I.C.T. Lisboa, 1985.

(direcção de) "A colonização de São Tomé e Príncipe: os Capitães do Século XV" in Portugal no Mundo, Vol. II, Lisboa, 1989.

- Barleus, Gaspar;

História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil, (Tradução de Caúdio Brandão, Prefácio de José António Gonçalves) Recife, 1980.

- Brásio, António;

Monumenta Missionária Africana, (coligida e anotada por), A.G.U., 1955.

- Brito, Raquel Soeiro de;

"S. Tomé e Príncipe, esboço de um estudo Regional" in Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa, Ano VII, nº 25, 1971.

- Cortesão, Armando;

(Direcção de)

Portugalia e Monumenta Cartografica, (6 Volumes), Lisboa, 1960.

- Cortesão, Armando;

Descobrimento no Atlântico e Evolução da sua Antiga Representação Cartográfica, C.E.C.A. - CXLII, Coimbra, 1981.

Descobrimento e Cartografia das Ilhas de S. Tomé e Príncipe, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, LXII, J.I.U., Coimbra, 1971.

- Fernandes, Valentim;

O Manuscrito de Valentim Fernandes, Leitura e Revisão de Provas de António Baião, Lisboa, MCMXL.

Códice Valentim Fernandes, Notas de José Pereira da Costa, Lisboa, 1997.

- Garcia, Carlos Alberto;

"A ilha de S. Tomé como centro experimental do comportamento luso nos trópicos" in Stvdia, nº 19, Lisboa, 1966, pp. 209-221.

- Garfield, Robert;

A History of São Tomé Island, 1470-1655, San Francisco, 1992.

- Henriques, Isabel Castro; Alfredo Margarido;

Plantas e Conhecimento do Mundo nos Séculos XV e XVI. Lisboa, 1989.

- Leão, Francisco G. Cunha;

“Cartografia e povoamento da Ilha de São Tomé (1483-1510)” in Instituto Geográfico e Cadastral Revista, nº 5.

- Lima, José Joaquim Lopes de Lima;

Ensaio sobre a Estatística das Possessões Portuguesas na África Occidental e Oriental; na Ásia Occidental na China, e na Oceania, Lisboa, 1844.

- Matos, Raimundo José da Cunha;

Compêndio Histórico das Possessões da Corôa de Portugal nos Mares e Continentes da África Oriental e Ocidental,

- Monumenta Missionária Africana, África Ocidental (1600 - 1622), Lisboa, 1968.

- Negreiros, Almada;

Ile de San-Thomé Avec Cartes, Paris, 1901.

- Pereira, Duarte Pacheco;

Esmeraldo de Situ Orbis, Academia Portuguesa de História, 1988.

- Ribeiro, Orlando;

“As ilhas atlânticas” in Naturália, nº 3, Vol. IV, fasc. III, Lisboa, 1954, pp. 2-10.

Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa, in Estudos de Ciências Políticas e Sociais, J.I.U., nº 59, Lisboa, 1962.

- Silveira, Luís;

Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar, 4 volumes, (Vols. I e II), J.I.U. Lisboa, 1956.

- Tenreiro, Francisco;

“Descrição da Ilha de S. Tomé no século XVI” in Garcia da Orta, vol. I, nº 2, Lisboa, 1953.

“São Tomé um exemplo de organização do espaço” in Colóquios Sobre Problemas Humanos nas Regiões Tropicais. J.I.U. Estudos de Ciências Políticas e Sociais, nº 51, Lisboa, 1961.